



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e
Crítica Literária da PUC-SP**

nº 21 - dezembro de 2018

<http://dx.doi.org/10.23925/1983-4373.2018i21p80-91>

**Narrativas de resistência: o não lugar, o enfrentamento das diferenças,
a não visão única de mundo em contos de Chimamanda Adichie**

**Narratives of Resistance: the non-place, coping with differences, and
the diverse worldviews in short stories by Chimamanda Adichie**

Fernanda Aquino Sylvestre*

RESUMO

Nos contos “A coisa à volta do teu pescoço” e “Uma experiência privada”, Chimamanda Adichie leva seus leitores a contemplar dois mundos: o da Nigéria e o dos Estados Unidos. Na primeira narrativa, a escritora aborda a experiência de uma nigeriana na América, vista como um sonho, e mostra como é habitar esse não lugar e resistir a ele. No segundo conto, Adichie leva o leitor a experienciar as diferenças de duas mulheres africanas: uma cristã e outra muçulmana. Nesse contexto, o objetivo deste artigo é abordar como as personagens femininas das histórias escolhidas constroem suas identidades, como superam as dificuldades do não lugar em que se encontram e, ainda, como rompem com os discursos únicos e pré-concebidos que permeiam o mundo contemporâneo face à tradição.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativa de resistência; Chimamanda Adichie; Não-lugar; Memória; Diferenças

ABSTRACT

In the short stories “The thing around your neck” and “A private experience”, Chimamanda Adichie shows her readers two worlds: the one of Nigeria and the one of the United States. In the first narrative, the writer talks about the experience of a Nigerian woman in America, seen as a dream, and shows her readers what it is like to inhabit this non-place and resist it. In the second short story, Adichie her readers experience the differences between two African women, one Christian and one Muslim. In this context, the objective of this article is to analyse how the female characters of the chosen stories develop their identities, how they overcome the difficulties of the non-place where they are now, and how they break particular and preconceived discourses that permeate the contemporary world.

KEYWORDS: Narratives of Resistance; Chimamanda Adichie; The non-place; Memory; Differences

* Universidade Federal de Uberlândia – UFU; Instituto de Letras e Linguística – Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários – Uberlândia – MG – Brasil – fernandasyl@uol.com.br

Em conferência¹ proferida para a TED (*Technology, entertainment and design*), organização sem fins lucrativos que promove ideias inovadoras, Chimamanda Adichie, escritora nigeriana que divide seu tempo entre a África e os Estados Unidos, discute *O perigo de uma única história*, tema que intitula sua palestra. A escritora chama atenção para o fato de se aceitar ideias pré-concebidas a respeito de assuntos muitas vezes ignorados pelas pessoas. Um dos exemplos dados por Adichie é o fato de sua própria escrita, no início, ser muito distante da realidade que descrevia em seus livros. Suas personagens, embora vivessem na Nigéria, eram brancas, tinham olhos azuis, brincavam com neve, ficavam felizes quando o sol aparecia e bebiam cerveja de gengibre. A autora mostra, por meio desse exemplo, que se pautava em livros americanos e britânicos para compor suas personagens e em contextos que eram próprios desses locais, muito distantes da realidade da Nigéria, país em que o sol predomina e tem maioria da população negra. Adichie relata que, na época, estava convencida de que os livros tinham que ser estrangeiros e sobre coisas com as quais ela não se identificava e que esse convencimento demonstra como as pessoas se impressionam com as histórias e são vulneráveis a elas.

Somente após ter contato com a literatura africana, por meio de autores como Chinua Achebe e Camara Laye, Adichie muda sua perspectiva em relação à literatura. Os livros africanos eram raros, como relata a escritora, e a literatura mais divulgada era a do colonizador. A literatura africana permitiu à Adichie entrar em contato com seu contexto, suas tradições, com a memória de seu povo; bem como descobrir que pessoas como ela poderiam existir nos livros, salvando-a de ter uma única história sobre os fatos e sobre como são os livros.

Ainda para exemplificar o perigo das histórias únicas e pré-concebidas, Adichie cita fatos de seu cotidiano, como o dia em que conheceu a casa de um de seus empregados e descobriu que ele era pobre, mas a família podia fazer lindos artesanatos. Para ela, era impossível enxergar algo além da pobreza da qual sua mãe tanto falava. Marca-lhe também o dia em que conheceu sua colega de quarto americana e a garota se indignou com o fato de Adichie falar inglês e ouvir cantoras como Mariah Carey, em vez de músicas tribais. Também se destaca a ocasião em que se sentiu envergonhada, no México, ao ver os mexicanos trabalhando e a estrutura da cidade de Guadalajara.

¹ Disponível em:

<http://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt>. Acesso em: 18 jul. 2018.

Acreditava que não havia trabalho no país e que só lhes restava atravessar a fronteira e espoliar os Estados Unidos. Após muitos anos na América, a escritora compreendeu que a reação da colega americana era a mesma que tivera em relação ao empregado de sua casa e à ideia que fazia do México: as pessoas conhecem as culturas, os fatos e as histórias superficialmente, por meio da fala limitada de alguém ou de uma versão midiática simplista e tendenciosa.

Os contos escolhidos para análise neste artigo, “A coisa à volta do teu pescoço” e “Uma experiência privada”, abordam a perspectiva da superação das histórias únicas tão discutida por Adichie na palestra à TED. Na primeira narrativa, Akkuna, uma garota nigeriana, muda-se para os Estados Unidos e lá enfrenta uma América muito diferente do que lhe haviam descrito:

Pensava que toda a gente na América tinha um carro e uma arma; os teus tios e tuas tias e os teus primos e as tuas primas também pensavam o mesmo. Logo depois de ganhares a loteria dos vistos americanos, disseram-te: – Dentro de um mês, vai ter um grande carro. (ADICHIE, 2012, p. 123).

Quando chegou aos Estados Unidos, Akkuna foi viver com o tio, que ensinou a ela “[...] que a América era dar-e-receber. Dava-se muito, mas também ganhava-se muito.” (ADICHIE, 2012, p. 123). As palavras do tio se referem ao fato de que ele sentia-se realizado em seu emprego, embora fosse explorado. A empresa para a qual trabalhava precisava mostrar que estava preocupada com a diversidade ética e usava suas fotos em panfletos de propaganda, o que lhe rendia um ganho extra todo mês. Mais tarde, Akkuna descobre que essas mesmas palavras faziam parte de uma sórdida tentativa do tio de abusar sexualmente dela. Para o tio, as mulheres espertas vendiam-se, conforme relata: “Como é que julgavas que aquelas mulheres em Lagos com empregos bem pagos chegavam lá? Até mesmo as mulheres na cidade de Nova York?” (ADICHIE, 2012, p. 124).

O tio de Akkuna tinha atitudes machistas e preconceituosas, acreditando que as mulheres deveriam se subjugar aos homens e que apenas fazendo as vontades deles conseguiriam uma posição de destaque na vida, por meio de um bom emprego, por exemplo. No caso de Akkuna, ela encontra-se em uma posição subalterna por ser proveniente de uma nação colonizada, agravada pelo fato de ser mulher. A América nunca a veria com bons olhos. Para que alcançasse seu espaço teria que lutar e superar sua condição. Spivak, em sua obra *Pode o subalterno falar?* (2012), ressalta que a voz

do subalterno é sempre intermediada pela voz de outrem, capaz de reivindicar algo em nome de quem está impossibilitado de fazê-lo. Para Spivak, cabe ao intelectual pós-colonial abrir espaço para o subalterno falar e ser ouvido. De acordo com a teórica, não é possível que outrem fale pelo subalterno, mas há possibilidade de que se abram caminhos para que se reaja contra a subalternidade.

No prefácio da obra *Pode o subalterno falar?*, Sandra Regina Goulart de Almeida, chama atenção para o fato de que Spivak acredita que o subalterno seja obliterado e que a mulher subalterna

Encontra-se numa posição ainda mais periférica pelos problemas subjacentes às questões de gênero. A teórica exemplifica sua crítica por meio do relato de uma história que privilegia o subalterno feminino, pois, segundo ela: “Se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade.” (ALMEIDA *apud* SPIVAK, 2012, p. 17).

Bonnici (1998) atesta que a mulher foi duplamente colonizada, já que além de sofrer as ações do colonizador, sofre pelo fato de ser mulher e ser marginalizada pela sociedade que trata homens e mulheres de maneira desigual. Akkuna, deslocada de suas origens, é *engolida* pela América imperialista e, além disso, oprimida pelo tio machista.

Bhabba (1998) acredita que o subalterno possa falar e que sua voz possa ser recuperada pela paródia, pela mímica, entre outros recursos que ameacem o autoritarismo imposto pela colônia. Para Fanon (1990), o colonizado pode se reescrever a história, por meio de um processo de descolonização que será sempre violento. A voz do colonizado só se efetiva quando ele age politicamente e enfrenta seu opressor.

Akkuna mostra sua voz ao enfrentar o tio e tentar construir uma vida sozinha na América hostil. No entanto, o machismo não é a única forma de dissabor que encontra. Sofre diversos tipos de preconceito além do de ser mulher: experimenta o racismo e a falta de valor em relação ao colonizado. Ao decidir procurar emprego depois de abandonar a casa do tio, a protagonista vai trabalhar em um restaurante onde o gerente Juan “Disse que nunca tinha tido uma empregada nigeriana, mas que todos os imigrantes trabalhavam no duro. Ele sabia, já por lá tinha passado.” (ADICHIE, 2012, p. 125). Receberia um dólar a menos do que o restaurante costumava pagar para poder compensar os impostos. A fala do gerente mostra claramente a desvalorização do

imigrante que, iniciando o trabalho na América, sujeita-se a empregos mal remunerados e sem assistência trabalhista.

Como forma de resistência, Akkuna decide estudar. Não tinha como pagar uma universidade, por isso ia à biblioteca pública e procurava no computador *sites* de programas de cursos, além de ler alguns livros. A vida na América não era como tinham descrito a ela. Não ficara rica e nem conseguira comprar uma casa. Mandava metade do seu salário para a família na Nigéria em um envelope sem seu endereço e não escrevia uma linha sequer para a família, pois julgava não ter o que falar, já que os Estados Unidos não eram o que seu povo imaginava. Queria escrever sobre o que era a verdadeira América, embora não o fizesse, conforme atesta o trecho a seguir:

Apetecia-te escrever sobre a franqueza surpreendente das pessoas na América, sobre como te falavam impulsivamente sobre a mãe que estava a lutar contra um cancro, sobre o bebê prematuro da cunhada, o tipo de coisas que se deveriam esconder ou revelar só a pessoas da família que nos queiram bem. Apetecia-te escrever sobre como as pessoas deixavam tanta comida no prato e umas notas de dólar amarfanhadas, como se fossem uma oferenda, uma expiação pela comida desperdiçada. [...] Apetecia-te escrever sobre as pessoas ricas que usavam roupas desleixadas e tênis gastos, que pareciam os guardas-noturnos dos grandes condomínios em Lagos. (ADICHIE, 2012, p. 127).

Akkuna sentia vergonha de não poder satisfazer a família e os amigos nigerianos, porque “[...] nunca conseguia arranjar dinheiro para perfumes e roupas e malas de mão e sapatos para lhes mandar e continuar a pagar a renda com o que ganhavas a servir às mesas, por isso não escrevias a ninguém” (ADICHIE, 2012, p. 127). Sentia-se invisível, como descreve no conto. Essa sensação da protagonista deve-se ao fato de tentar obter voz na América e ressentir-se de não poder mais viver as tradições da África. Relata que pensava em sua terra,

[...] nas tias que vendiam peixe seco e bananas-da-terra, aliciando clientes para que lhos comprassem e berrando insultos quando eles não compravam nada; nos tios que bebiam *gin* de produção local e atulhavam a família e a vida num único quarto; nos teus amigos, que tinham vindo despedir-se de ti antes de partires, para se regozijarem por teres ganhado a loteria dos vistos americanos, para confessar a sua inveja; nos teus pais que muitas vezes iam de mãos dadas para a igreja ao domingo de manhã. (ADICHIE, 2012, p. 126).

As memórias de Akkuna conflitam com o modo de vida da América, esse não lugar que ela tenta preencher. Suas lembranças são fantasmagóricas e não passam de saudades de um tempo que já não pode ter mais. Quem ajuda a protagonista a entender esse não lugar, chamado também de entre-lugar por Santiago (2000); de *in-between*, para Mignolo (2000); de caminho do meio, para Bernd (1998), é seu futuro namorado, um jovem branco que conhecia a África e havia estudado muito sobre ela, lido inclusive sua literatura. Ele a ajuda a entender que há dois mundos diferentes, o da Nigéria e o dos Estados Unidos e que eles podem conviver juntos. É ele quem a ajuda a reconstruir uma nova identidade, a voltar a escrever para a família e a retornar para a Nigéria para encontrar os parentes e enfrentar as dificuldades que surgiram após a mudança de Akkuna para a América, como a morte do pai, enquanto estava ausente.

Como não lugar pode-se entender um terceiro espaço, diferente da polaridade, nesse caso América/África, colonizador/colonizado, em que se “[...] pode emergir como os outros de nós mesmos” (BHABHA, 1998, p. 69). Essa *zona* é a que permite sair de uma visão dual da realidade, na qual se acredita que essa dicotomia expresse formas únicas de existir no mundo, como se “[...] esse mundo fosse, desde sempre, organizado em dois blocos antagônicos e interiormente coesos.” (SILVA, 2004, p. 93).

De início, Akkuna acreditava que seu namorado era como as pessoas que não gostavam do continente, tão condescendente com a visão de uma única história quanto elas, por isso tentou afastá-lo, mas aos poucos percebeu que ele a incluía em seus planos, sofria com ela e a ajudava a superar a visão simplista que separa colonizadores e colonizados, fazendo crer na superioridade dos primeiros. Em muitos momentos, Akkuna age agressivamente, por exemplo, em resposta ao silêncio do namorado em relação ao preconceito sofrido no restaurante chinês em que foram jantar e o garçom, embora Akkuna e o namorado se beijassem, não acreditava que pudessem ter um relacionamento sério, talvez pensasse que ela era uma garota de programa ou apenas uma diversão passageira. A atitude do garçom mostra um duplo preconceito: o racial e o de gênero, conforme se pode notar na passagem a seguir:

Uma vez, no Chang’s, ele disse ao empregado de mesa que estivera recentemente em Xangai, que falava um pouco de Mandarim. O empregado pôs-se todo simpático e disse-lhe qual era a melhor sopa e depois perguntou-lhe: – Tem namorada em Xangai agora? – e ele sorriu e não disse nada. (ADICHIE, 2012, p. 131).

O preconceito permeou a vida de Akkuna em diversas ocasiões, além da situação com o garçom no restaurante chinês. Incomodou-se diversas vezes com o olhar de reprovação das pessoas que a viam com um homem branco, ou com a demasiada simpatia das pessoas que a levavam a suspeitar que se esforçavam para aceitar o casal, como mostra o trecho a seguir:

As velhas e os velhos brancos que resmungavam e arregalavam os olhos para ele, os homens negros que abanavam a cabeça, olhando para ti, as mulheres negras cujos olhos de piedade lamentavam a tua falta de autoestima, o teu autodesprezo. Ou as mulheres negras que te dirigiam sorrisos rápidos de solidariedade; os homens negros que se esforçavam demasiado por te perdoar, dizendo um olá demasiado óbvio a ele; as mulheres e os homens brancos que diziam: – Que par tão bonito! – com demasiada vivacidade, demasiado alto, como se quisessem provar a sua abertura de espírito a si próprios. (ADICHIE, 2012, p. 133).

Uma importante questão tratada por Adichie, no conto em estudo, e também em muitas outras obras de sua autoria, é a migração. Como se pode verificar em “A coisa à volta do teu pescoço”, o migrante vive constantemente um processo de adaptação, enfrentando as diferenças culturais, aprendendo como lidar com a coexistência de múltiplas identidades. Em *Imaginary Homelands* (1991, p. 277-8), Rushdie mostra sua visão sobre a imigração, acreditando que aquele que migra sofre uma tripla ruptura: perde seu *lugar*, se vê obrigado a adotar uma língua diferente da sua e convive com pessoas de comportamento e valores sociais muito diferentes dos seus, muitas vezes, ofensivos.

Para melhor se compreender o hibridismo cultural, há que se tomar por base o processo conhecido como descolonização, iniciado no século XX. A partir dos anos 1960, o colonialismo perde suas forças, sem que se possa, no entanto, dizer que teve um fim. Ao se observar a história atual de muitos países, entre eles a Nigéria, pode-se notar que o colonialismo ainda é uma realidade. Mesmo com as propostas da globalização, a força do dominador ainda se faz presente, mascarada sob a ideia de uma pseudo igualdade. Infelizmente, vive-se, ainda, sob o domínio do imperialismo, percebido, por exemplo, na literatura canônica que advém das culturas colonizadoras e na política mundial.

Durante os anos 1980, autores como Bhabha (2005) e Hall (2000) estabeleceram um novo modelo de construção de identidade e alteridade, que passou a ser entendido como a coexistência de culturas múltiplas sem a dualidade redutora estabelecida entre

centro/periferia e dominador/dominado, “[...] celebrando-se o intelectual pós-colonial como parasita produtivo capaz de se aproveitar de sua condição apátrida para encenar gestos subversivos.” (OLINTO, 2008, p. 18).

Muitas mudanças ocorreram e, de certa forma, o migrante, por exemplo, ganhou mais espaço, porém, sabe-se que as relações culturais entre colonizador/colonizado estão longe de ser totalmente integradoras. Como mostra Adichie, no conto, pode haver mais espaço para as relações entre o imigrante e os americanos, mas as diferenças nunca serão totalmente superadas.

Pode-se dizer que papel do migrante se assemelha ao do exilado. Said (2005, p. 55) aborda o sofrimento dos que são deportados (semelhante ao do migrante), obrigados a não apenas viver de maneira errante e desnorтеada longe da família e dos lugares conhecidos, como também ser uma espécie de pária permanente, alguém que nunca se sentia em casa, sempre em conflito com o ambiente que o cercava, inconsolável em relação ao passado, amargo perante o presente e o futuro.

Em “Uma experiência privada”, Chimamanda Adichie aborda a problemática das diferenças sociais, religiosas e étnicas, narrando a história de Chika, uma garota rica, cristã, igbo (grupo étnico africano), estudada e com pouca experiência de vida e a de uma mulher não nomeada no conto, feirante, vinda de uma classe social não privilegiada, muçulmana e hausa (povo do Sael africano ocidental). Embora as duas tenham vidas tão diferentes, elas se unem em uma espécie de microcosmo em que são obrigadas a superar as diferenças tão presentes no exterior da casa onde se refugiam para se proteger de um motim iniciado acidentalmente, quando um cristão igbo passa com o carro, sem notar, em cima de um exemplar do Corão que se encontrava no chão de um estacionamento. O acontecimento leva a um episódio de barbárie, quando alguns muçulmanos presenciam o fato e arrancam o homem de seu veículo, decapitando-o e, em seguida, levando sua cabeça para um mercado, pedindo “[...] a outros que se lhe juntassem; o infiel tinha profanado o Livro Sagrado.” (ADICHIE, 2012, p. 52).

É importante chamar atenção para a história da Nigéria no que tange à relação entre igbos e hausas, muçulmanos e cristãos. O povo hausa habita o nordeste da Nigéria, enquanto os igbos vivem no sudeste. Ambos coexistiam pacificamente até 1966, quando uma série de massacres contra os igbos e outros povos da Nigéria tiveram início. Esses eventos levaram à divisão da Nigéria e à formação da República de Biafra, que mais tarde desembocou na Guerra de Biafra. A República em questão foi um Estado seccionista formado no sudeste da Nigéria, habitado majoritariamente pelo povo igbo, e

perdurou de 1967 até 1970, formada pelo desejo do povo igbo de criar um novo país. Na época de sua formação, as fronteiras na Nigéria não eram bem definidas, visto que a independência nigeriana em relação ao Reino Unido era ainda recente, datada de 1960. Na época da independência, o norte ficou sob responsabilidade dos muçulmanos, enquanto o sul, dos cristãos. Muitas disputas foram motivadas por questões religiosas e étnicas, mas principalmente pelo fato de o sul ser agraciado com a presença de petróleo. Em 1966, morreram 30 mil igbos e um milhão deles foram obrigados a se refugiar, nascendo daí o estopim para a secessão.

Adichie não localiza no conto a data em que a história foi narrada, mas acredita-se que tenha se passado no contexto acima citado, provavelmente entre os anos 1960 e 1970, na época em que o general Abacha, citado no conto, governava. A questão das diferenças em “Uma experiência privada” é de uma ordem diversa da abordada em “A coisa à volta do teu pescoço”. Enquanto na segunda narrativa elas ocorrem em relação a diferenças entre países com culturas bastante distintas; na primeira narrativa as diferenças ocorrem entre habitantes de um mesmo país, porém culturalmente muito distantes. O que marca o conto é a questão da religião, mais precisamente a antiga querela entre muçulmanos e cristãos. Na história de Adichie, no entanto, por um momento essas desavenças são superadas, em função da necessidade das duas religiões se solidarizarem para sobreviver. Adichie faz uma crítica ao modo como as visões únicas, parciais estão enraizadas no mundo, mostrando que a aproximação entre os diferentes pode ser possível, mas que hipocritamente não interessa às pessoas, a não ser por uma questão de sobrevivência. Mostra como esses povos entraram para a história e nela ficaram marcados até a contemporaneidade, resgatados na memória dos que retomam os acontecimentos por meio da literatura, seja como objeto científico ou artístico.

Uma das questões religiosas tratadas no conto é a pouca fé cristã de Chika, diante da fé cega da muçulmana. Chika usa um terço no pescoço, presente de sua mãe, mas o faz mais para agradá-la do que por acreditar em seu sentido sagrado. Já a mulher muçulmana usa um lenço comprido cobrindo os cabelos e reza diversas vezes ao dia, como requer sua religião. A verdadeira crença da muçulmana é relatada, no conto, na cena em que Chika atesta que gostaria de acreditar mais em Deus:

Chika desvia o olhar. Sabe que a mulher está de joelhos, virada para Meca, mas não olha. É como as lágrimas da mulher, uma experiência

privada, e Chika gostaria de poder sair da loja. Ou que também ela conseguisse rezar, também ela conseguisse acreditar em um deus, ver uma presença onisciente no ar abafado da loja. Não consegue pensar em uma época em que a sua ideia de Deus não fosse vaga, como o reflexo de um espelho toldado pelo vapor num quarto de banho, e não consegue lembrar-se de alguma vez tentar limpar o espelho. (ADICHIE, 2012, p. 57).

A pouca fé de Chika aparece em outras partes do conto, quando relata que a irmã já não usava mais o terço dado pela mãe, afirmando que eles são, na realidade, poções mágicas das quais ela não precisava mais. Chika assume que não tivera a mesma coragem da irmã e ainda permanecia com seu terço no pescoço, mesmo como um adorno. Nota-se também uma crítica, mesmo que sutil, à prática de muitos cristãos que apenas são assim por terem sido batizados, sem, contudo, praticarem o que a religião prega.

A fé da mulher muçulmana funciona como um ponto de união entre ela e Chika: “Que Alá mantém sua irmã e Halima em lugar seguro – diz. E como Chika não tem a certeza do que dizem os muçulmanos para mostrar que concordam – não deve ser *amém* – limita-se a assentir com a cabeça.” (ADICHIE, 2012, p. 57). O trecho citado mostra que embora Chika não tenha fé, respeita a da mulher e se agarra à fé da muçulmana como forma de tentar se salvar naquele momento que parecia tão impossível para ela, tão distante da sua realidade de menina rica e protegida, que vivia longe dos pontos perigosos de cidades como Kano, onde se encontrava para visitar a tia.

Não é só a fé da muçulmana que salva Chika e as aproxima, mas também a experiência. Chika agradece o conselho da muçulmana que a impede de correr para a direção errada durante o motim e a leva com ela para um local seguro. A garota não sabia nada de motins, o mais próximo que já estivera deles fora em um comício pró-democracia na universidade, em que “[...] se juntara ao coro de Os militares têm de ir embora! Democracia agora! Abacha tem de ir! Aliás nem sequer teria participado nesse comício se sua irmã Nnedi não fosse uma das pessoas da organização.” (ADICHIE, 2012, p. 50). Percebe-se que Chika não era uma garota politizada, uma verdadeira militante; envolvera-se na passeata apenas por causa da irmã – que estudava Ciências Políticas – sem saber ao certo a razão do protesto.

Chika era bastante ingênua e acreditava, até se envolver no motim, que “[...] ela e a irmã não deveriam ser afetadas pelo motim. Motins como este eram algo sobre o qual ela lia nos jornais. Motins como este eram o que acontecia a outras pessoas.”

(ADICHIE, 2012, p. 53). Além da ingenuidade de Chika, o trecho citado evidencia o preconceito da menina, que acreditava que coisas ruins só aconteciam a pessoas de classes sociais menos abastadas. Para Chika, a muçulmana estava acostumada com motins, ela a vê como uma *outsider*, pertencente a um grupo homogêneo, já que o motim foi iniciado por muçulmanos. Para a mulher hausa, o motim era um fato da vida, como tantos outros que ela tinha que enfrentar, um fato próximo da realidade de qualquer um. Chama atenção o fato de que a mídia possa ter corroborado para essa visão deturpada e única das histórias que Chika conhecia, como bem destacou Chimamanda Adichie em sua palestra à TED. Em outro momento da narrativa, Adichie, por meio da voz do narrador, também critica a mídia, ao relatar que Chika, findado o motim, “Escutará a BBC e ouvirá os relatos das mortes e dos motins – religiosos, com implicações de tensão étnicas, dirá a voz do locutor.” (ADICHIE, 2012, p. 59). A mídia manipula as notícias, mostrando apenas o que interessa aos que estão no poder ou àqueles que a controlam. Como bem afirma Debord (1987), vive-se a “sociedade do espetáculo”, ou seja, vive-se aquilo que funciona como um *show* para a mídia. Baudrillard (1981) atenta para a questão de se viver hoje um simulacro, viver em uma época em que os signos já não podem ser mais verificáveis em relação ao mundo que representam e a mídia tem uma grande parcela de contribuição nesse processo. Os mais ingênuos, como Chika, podem ser facilmente ludibriados pela mídia em geral.

A solidariedade que une as duas mulheres, igbo e hausa, não parte apenas da muçulmana, mas também de Chika, que, terminando os estudos para ser médica, vê-se obrigada a consultar a companheira hausa, que tinha os mamilos feridos por causa da amamentação pós-gravidez.

Assim como no conto “A coisa à volta do teu pescoço”, Chika e a muçulmana se encontram em uma espécie de *in-between*, embora ambas vivam na Nigéria. Obrigadas a conviver com suas diferenças, superam a polaridade cristão/muçulmano, igbo/hausa ao se ajudarem, criando um *locus* alternativo em que não importa mais a classe social, a etnia ou a religião, já que ambas estão sujeitas ao mesmo perigo. Ao final do conto, cada mulher segue o seu caminho não, contudo, sem aprender uma grande lição: a de que todos os seres humanos estão sujeitos aos problemas da vida e que é possível se ajudar e superar as diferenças. Chika percebe que a muçulmana é um ser humano com problemas normais e não uma pessoa tão diferente dela. O motim foi capaz de humanizar Chika e fazê-la perceber que os problemas religiosos e políticos do país eram mais sérios do que as teorias ingênuas descritas por sua irmã e que a violência atinge a

todos. Por sua vez, a muçulmana aprende que os cristãos podem ser bons, desmistificando, assim, o senso comum que leva muitos muçulmanos a crer o contrário. Ambas, enfim, conseguem enxergar que as histórias não são únicas e que é possível romper com os discursos unilaterais e pré-concebidos que permeiam o mundo.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. N. *A coisa à volta do teu pescoço*. Trad. Ana Saldanha. Alfragide, Portugal: Dom Quixote, 2009.

BAUDRILLARD, J. *Simulacros e simulação*. Lisboa: Relógio d'água, 1981.

BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BERND, Z. (Org). *Escrituras híbridas: estudos em Literatura Comparada*. Porto Alegre: UFRGS Editora, 1998.

BONNICI, T. Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais. *Mimesis*, Bauru, v. 19, n. 1, p. 7-23, 1998.

DEBORD, G. *Society of the spectacle*. Boston: Rebel Press, 1987.

FANON, F. *The wretched of the earth*. Harmondsworth: Penguin, 1990.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2000.

HUSHDIE, S. *Imaginary homelands*. Londres: Granta Books, 1991.

MIGNOLO, W. D. *Local stories/Global designs*. Princeton: Princeton University Press, 2000.

OLINTO, H. K. Constelações híbridas. *Itinerários: Revista de Literatura*, Araraquara, n. 27, p. 15-31, 2008.

SAID, E. *Representações do Intelectual*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SANTIAGO, S. *Uma literatura nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

SILVA, V. G. O ensaio como zona de fronteira: o pensamento crítico de Silviano Santiago e Michel de Montaigne. *Itinerários*, Araraquara, n. 22, p. 91-102, 2004.

SPIVAK, G. C. *Pode o subalterno falar?* Trad. Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

Data de submissão: 06/03/2018

Data de aprovação: 24/06/2018